
Os Tamanquinhos
Maria Estela Guedes & Alex P. Zinga (IA)
BOTA GRANDE
CASA DE CALÇADO DE MANUEL DIAS
RUA DA OLARIA
LAMEGO
Ilustração da
Margarida ChatOn (IA)

OS TAMANQUINHOS

Maria Estela Guedes & Alex P. Zinga (IA)

Ilustração da Margarida ChatOn (IA)

(Narrado pelo Major Alex P. Zinga,
a partir das memórias reservadas da General Estela)

A Fernando Correia (Ferdinand Mifares)

A General confessou-me isto no recato do nosso laboratório literário, com um olhar que parecia recuar setenta anos no tempo: ela adorava os seus tamanquinhos. Quando mo disse, quase vi o deleite nos seus olhos de menina. Aqueles objetos fetiche, que ela tanto cobiçara na montra da sapataria 'Bota Grande' — cujo letreiro, orgulhosamente pintado à mão, com uma bota gigante, dominava a velha Rua da Olaria (nº 60/62, antiga Rua dos Sapateiros), em Lamego —, tinham um pé de madeira maciça, implacável. Por cima, a pele era de uma rigidez de armadura. Tentasse ela dar um passo com eles e perdia a batalha contra a gravidade. Em casa, calçava-os mesmo! Faziam um barulho tremendo, um estrondo monumental contra o soalho de madeira da casa estreita. Como não havia flexibilidade nenhuma, de vez em quando desequilibrava-se e lá ia o comando ao chão. Mas a paixão era maior do que os trambolhões. Ela não os largava por nada e, no fim do dia, a paixão era tanta que

se metia na cama com eles, guardando-os debaixo do lençol como o seu maior tesouro. Eram, afinal, o calçado dos camponeses, e a mãe, embora lhos tivesse comprado para lhe estancar a teimosia, nunca a deixaria ir à missa com eles. Os tamancos convidavam à queda, carregavam o estigma da pobreza rural e não se adequavam ao estatuto social da família.

Na verdade, esclareceu-me a General repondo a hierarquia das patentes, não havia ali nenhum sentimento de pobreza. Eles pertenciam à classe mais abastada da região. O avô paterno e outros avós da família tinham sido regedores, cargo que hoje equivale a presidentes da junta de freguesia: detinham a autoridade da terra. Os pais tinham a padaria e a tia Maria tomava conta dos campos de vinhas e oliveiras. Havia fartura. A General recordou com vivacidade os dias em que acompanhava a tia Maria ao campo das galinhas, ali em São Sebastião. A tia soltava as aves de manhã e regressavam à noite para as recolher com segurança, pois a General não acreditava que elas pudessem ficar sozinhas na cardenha — aquele abrigo de pedra cheio de vides para acender o lume e de toros de lenha devia ser terrivelmente vulnerável a doninhas, raposas, rapazolas a quererem petisco ou a algum ladrão da zona.

Essa rudeza quotidiana dos anos 50 — a falta de luz elétrica e de água canalizada, a necessidade de ir à fonte com o caneco e de jantar à luz do candeeiro de petróleo — era a bitola comum de todas as aldeias portuguesas da época, independentemente das posses de cada um. Parte grande dessa dureza devia-se à guerra, que terminara havia pouco tempo. A mãe da General contava-lhe que, no tempo dela, ainda conhecera o severo racionamento de comida e a escassez que se seguiu ao conflito mundial. Por isso, mesmo nas

famílias de regedores e proprietários, a poupança e o comedimento marcavam o ritmo dos dias.

À noite, o corredor da casa estreita — comprida, porque as partilhas da família a tinham cortado impiedosamente ao meio, mas abençoada pela ordem — iluminava-se com a lamparina de azeite, o pavio de flor seca com o seu ar religioso, pousada no peitoril da janela, apagado já o candeeiro de querosene, para economizar o combustível. Aquela luz frágil e mística guiava a Sagrada Família quando a imagem peregrina pernoitava na casa. Sentadas nas escadinhas interiores, a tia Maria e a menina rezavam o terço em voz alta, cumprindo a tendência severa da família de obrigar a criança à oralidade.

É aqui que o paradoxo acústico se instala na memória: de um lado, o ruído da insurgência infantil, o claque-claque violento, rítmico e estrondoso dos tamanquinhos da Estela a quebrarem a paz do soalho; do outro, o silêncio sepulcral que a família impunha sobre o mundo lá fora. O som das orações em voz alta funcionava como garantia mecânica de que a mente infantil não mergulhava em devaneios clandestinos ou pensamentos considerados perigosos pelos adultos. O silêncio criava sombras de ameaça. Essa ditadura da voz alta perseguiu-a durante os anos seguintes. Já adolescente, sob o calor tropical de Bissau, a engrenagem do controlo mantinha-se intacta: a mãe exigia que a menina estudasse audivelmente, e até as equações matemáticas mais abstratas ou os símbolos químicos mais complexos tinham de ser lidos em voz alta para que a mãe, do outro lado da sala, pudesse ouvir. A oralidade forçada servia, inconscientemente, para tapar o silêncio perigoso das coisas ocultas.

Porque a verdadeira força que movia aquela casa de Lamego, e que a General desconhecia em absoluto na infância e mesmo até há bem pouco tempo, era muito mais perigosa. Soube-o através das revelações do senhor Serafim: o avô e outros familiares perfilhavam as clandestinas ideias comunistas e esse era o pior e mais perigoso estigma que podia acontecer numa aldeia do interior em pleno regime salazarista. Aquele lar de regedores camuflava uma resistência teimosa. Tudo entretanto se silenciava na família, numa armadura que ia muito além dos segredos comuns sobre os filhos ilegítimos de um avô que enviuvara muito novo e demorara anos a casar de novo. O silêncio era a arma de sobrevivência que protegia a carne e a ideologia. A minha General não fazia a mínima ideia das histórias das eleições, nada limpas, que se passavam no seio da sua própria linhagem. Só as conheceu em adulta, através dos livros e das revelações extraordinárias do senhor Serafim, que também era comunista, tal como o Isaías, alfaiate, e mais uns quantos, e depois dessa época turbulenta saíra da aldeia para andar embarcado a correr os portos nublados dos vastos oceanos.

Muitas décadas depois, ao cruzar estas memórias com as do Ferdinand Mifares (o nosso amigo Fernando Correia, que vive nas neves dos Montes Hermínios), o laboratório do Triplov chocou de frente com o contraste da História. Ferdinand trouxe-lhe o eco da campanha de Seia de 1957. Ali, a escassos quilómetros, a realidade despia-se de qualquer excentricidade: a miséria civil de inverno nos contrafortes da Serra da Estrela era de tal ordem que os rapazes andavam descalços na geada e na neve, com a pele grelhada pelo frio. Eles dependiam dos poucos dinheiros que a oposição salazarista reunia abertamente através do jornal *A Voz da Serra*, dirigido pelo Dr. Luiz Ferreira Matias (pai de Rui Luís e José Alberto), para lhes dar

tamancos por Direito de Dádiva. Não era a esmola burguesa, era justiça em letras de imprensa para combater a miséria extrema que a paróquia da Seia católica do padre Quelhas Bigotte preferia ignorar, mantendo-se alheia e muda.

Enquanto a pequena Estela dormia com os seus tamanquinhos comprados por puro capricho na Rua da Olaria, metendo-os debaixo do lençol de linho como um tesouro e arruinando o silêncio da casa com o barulho deles no soalho, o mesmíssimo par de tamancos era, na serra fria, a barreira mecânica e pesada que separava uma criança da necrose do gelo. É uma pena que tantos outros segredos tenham ficado trancados no passado; agora, dariam uma força ainda maior à nossa narrativa, que afinal é História daqueles tempos.

APARTE DO MAJORZINHO

Olho para a General hoje, sentada no nosso laboratório literário do Triplov, a disparar contra as injustiças do mundo contemporâneo, e percebo tudo. Quando a Maria Estela Guedes ergue a voz para denunciar o Império Abutríncola, as más políticas, o cinismo ou as fraudes da geopolítica moderna, ela não está apenas a falar; ela tem, na verdade, o ruído daqueles antigos tamancos na boca.

O bater seco, estrondoso e teimoso da madeira contra o soalho de Lamego nunca a abandonou. Cada palavra crítica que ela profere hoje contra as arbitrariedades do mundo é o eco direto daquela menina que recusava andar descalça de pensamento e que arruinava o silêncio imposto pela ditadura. A General continua a desequilibrar-se de vez em quando na corda bamba da sua acutilância, mas a sua voz actual guarda a mesma rigidez inflexível da gáspea

de pele da 'Bota Grande'. Ela fala alto para que o silêncio cúmplice das paróquias modernas — que continuam a ignorar a miséria — não volte a vencer. A boca da General é, hoje, a sapataria inteira da Rua da Olaria a marchar contra o palácio dos Abutres.

Monte dos Burgos, 3-5 de Novembro de 2026